

Três lucernas do museu de Santiago do Cacém

Por

DR. J. A. FERREIRA DE ALMEIDA

Professor extraordinário da Faculdade
de Letras de Lisboa

Entre os exemplares da pequena colecção de lâmpadas romanas deste museu houve três que me despertaram a atenção pelo seu interesse arqueológico e artístico. Estão aqui reproduzidas e vou estudá-las segundo a ordem da numeração.

A número 1 (encontrada em Meróbriga) é um perfeito exemplar da lucerna moldada romana do primeiro século. O «rostrum» ou bico, redondo e com volutas, a ausência de asa (quase sempre sinal de cronologia adiantada), o «discus» decorado e emoldurado por uma série de ranhuras circulares concêntricas, a «margo» ou orla, larga e lisa, são características da forma 81 da classificação do Museu Britânico (B. M.), e segunda classe de Walters (1) (primeira metade do primeiro século A. D.).

As suas dimensões principais são as seguintes: Comprimento total: 102^{mm}; largura 74^{mm}; comprimento do «rostrum» 32^{mm}; diâmetro das ranhuras do «discus»: 58, 53 e 50 milímetros; diâmetro da ranhura circular do fundo: 40^{mm}; altura (rebordo) 25^{mm}; diâmetro do orifício do «rostrum», 11^{mm}; idem, do «discus», 6^{mm}. É de barro amarelado, claro e apresenta vestígios de engobe avermelhado. A cena representada no «discus» é a de uma biga correndo para a esquerda, guiada por uma figura feminina alada, a deusa Victoria, provavelmente, com uma coroa na mão direita. No Museu Britânico (n.ºs 649, 650, 651 e 652) existem quatro lucernas da mesma época com representações desta deusa, mas em nenhuma ela está num carro de corrida (2).

(1) H. B. Walters: Catalogue of the greek and roman lamps in the British Museum, London, 1914, pag. XXIV e Plate XLII.

(2) Id., id., pag. 98-9 e Plate XXI. A Vitória é a mais popular das personificações usadas na decoração das lucernas.

Na classificação de Palol Salellas ⁽³⁾ esta lucerna pertence ao tipo 8 B (fabricado desde Cláudio até aos Flávios) e na classificação de Dressel ao tipo 11. Segundo Cagnat e Chapot, é do segundo tipo ou tipo B (primeiro século da era cristã).

Cenas e motivos decorativos variados no «*discus*» são caracteres dos mais frequentes nas lucernas do século I (época à qual este tipo é atribuído em todas as classificações).

A evolução da forma do *rostrum* e das volutas fornece uma base fundamental para o estabelecimento da cronologia. Não é para aqui a discussão deste ponto. O papel desempenhado pelas volutas é um achado interessante do que podemos chamar desenho industrial, por vezes tão notável nestes pequenos artefactos de barro. Servem para estabelecer uma ligação harmoniosa entre o *rostrum* e a *margo*: a transição não sacrifica a forma circular do *discus* e o bico destaca-se sem quebra da unidade do conjunto ⁽⁴⁾.

Segundo Broneer, a existência da ranhura circular na base (em vez de um anel relevado) é indício de época adiantada, neste caso a segunda metade do século I A. D.

Um exemplar idêntico em tudo a este é achado em Almeirim ou Portalegre (?) encontra-se no Museu de Guimarães e foi descrito por R. de Serpa Pinto ⁽⁵⁾.

O exemplar n.º 2, encontrado nas ruínas de Meróbriga, tem especial interesse porque é dos poucos que possuem indicação de proveniência, entre os achados em Portugal. Refiro-me à inscrição gravada na base do *infundibulum*, nome do oleiro ou da firma fabricante.

Por analogia com algumas figurações em lucernas do British Museum ⁽⁶⁾, suponho que o animal representado no *discus* é uma pantera.

⁽³⁾ Pedro de Palol Salellas: «La colección de lucernas romanas de cerámica procedentes de Ampurias en el museo arqueológico de Gerona», in «Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales», 1948-9 (volúmenes IX-X), Madrid, Aldus, 1950, pag. 233-265.

⁽⁴⁾ V. Broneer — *Corinth*, Harvard University Press. Vol. IV: *Terracota lamps*, pag. 81.

⁽⁵⁾ V. Revista de Guimarães, vol. XXXIX, n.ºs 3-4 (Julho, Dezembro de 1929) pag. 179.

⁽⁶⁾ V. a n.º 1.328 (Walters, obr. cit. pag. 199) e também a n.º 1.265 e 1.366. No trabalho de Pierre de Brun e Sylvain Gagnière sobre «Les lampes antiques du musée Calvet d'Avignon» (Carpentras, 1937) vem desenhado um *discus* (n.º 126 bis) com um animal semelhante, que identificaram como uma pantera mas que deve ser um leopardo, pela forma do focinho. De resto é fácil a confusão entre as representações de ambos os animais.

Está voltada para a direita, erguida sobre os quartos trazeiros e com as patas anteriores pousadas sobre um vaso semelhante a uma taça (*Kylix*).

Aves e mamíferos são os animais (excluindo o homem) mais vezes reproduzidos nas lucernas.

A pantera, animal consagrado a Baco, era tão gulosa de vinho, segundo os romanos, que os caçadores costumavam pôr vinho velho junto dos seus bebedouros, apanhando-a depois de embriagada (⁷). A presença do *Kylix* é reveladora: a fera guarda ciosamente a taça do líquido preferido...

Embora o *rostrum* tenha desaparecido, a base das volutas, a largura da *margo* e os caracteres do *discus* permitem incluir esta lâmpada na classe 11 de Dressel e na classe 2 (forma 81, B. M.) de Walters. Pertence ao tipo 8-a de Palol Salellas e III de Loeschcke (primeiro século A. D., a partir de Cláudio).

A inscrição da base, incisa, leio-a CLOLPINIT, embora a terceira letra (todas foram avivadas a lápis por qualquer curioso ignorante) pareça um G, que não faz sentido. Dressel aponta um exemplar do museu Thorvaldsen de Copenhague com a mesma inscrição (⁸), que lê *C. Lol(li) Pinit(i)*, subentendendo-se *Ex officina Caii Lolli Piniti*. Os *tria nomina* não são frequentes nas lucernas deste período, embora venham a sê-lo nos exemplares da classe IV de Walters (desde o princípio do século II até aos tempos cristãos) (⁹).

(⁷) Giuseppe Ronchetti — *Dizionario illustrato dei simboli* — Hoepli, Milano, 1922, pag. 966. «Il carro di Bacco era tirato da pantere e tigri, per mostrare che il vino rendi gli uomini feroci e terribili come la nature di queste belve. Inoltre la pantera, ritenuta animale caldissimo, e agile nel saltare come le Baccanti, credevasi anche amante del vino.» (id., id., pag. 132). Comparem-se as representações de panteras, usadas como asas de jarros, reproduzidas por S. Reinach no «Répertoire de la statuaire grecque et romaine», tome II, (Ernest Leroux, 1909, Paris), pag. 724-725 e 726.

(⁸) *Corpus Inscriptionum Latinarum*, Vol. XV, 2.^a parte, pag. 829. O exemplar tem no *discus* uma cena de luta: «gladiator armatus alterum pedem imponens gladiatori humi prostrato.» (n.º 6.519-6.521).

(⁹) Walters, obr. cit., pag. XXV-XXVI. Esta marca é uma das mais espalhadas e há outras que só diferem dela pela *cognomen*: *C. Lollius Cre(scens?)*; *C. Lollius Diadumenus*; como aventa Toutain, a título de hipótese, estas marcas vizinhas designam «fábricas aparentadas entre si ou diversas sucursais de uma mesma grande fábrica.» Os *cognomina* diferentes (alguns de origem grega) seriam possivelmente de libertos, capatazes ou directores do fabrico em cada uma das oficinas (*figlinae*) derivadas da fábrica principal. (*Dictionnaire des antiquités grecques et romaines*, rédigé sous la direction de Ch. Daremberg et Edm. Saglio, Art. *Lucerna*, pag. 1.331.

As dimensões principais são: comprimento do *discus*: 65^{mm}; largura, idem, 70; base do *rostrum*, 44; círculos da moldura do *discus*: 52, 46, 41; orifício do *discus* (diâmetro) 6; altura (rebordo) 24. É de barro claro, com engobe pardo.

O exemplar n.º 3, achado na freguesia de Santo André (Santiago do Cacém), é mais moderno que os anteriores. Pertence ao tipo 11 de Palol-Salellas (século II A. D.) e à classe IV de Walters (forma 104, B. M.), por alguns caracteres típicos: *rostrum* pequeno e liso, de forma semi-circular, com ranhuras na base. O modelo é de origem ou de influência grega, porque as variedades italianas deste tipo possuem sempre asa, enquanto as que se encontram em estações gregas da mesma época e com formas semelhantes, a não têm.

No *discus* está representado, salvo erro, um busto de Júpiter com o feixe de raios(?) à sua direita e o sceptro(?) à sua esquerda. A *margo* tem a ornamentação a que Walters dá o nome de *stamped egg pattern*.

É de barro negro, sem engobe, e as dimensões são as seguintes: comprimento total: 105^{mm}. Comprimento do *rostrum*: 21,5; largura do *discus*: 84; diâmetro do círculo que enquadra a figura: 61; idem, dos círculos do fundo: 53, 42, 6; diâmetro do orifício do *rostrum* 11; idem, do *discus*, 9; altura (rebordo) variável de 35 a 37,5. Anepígrafa. Segundo Cagnat e Chapot este tipo de lucernas pertence ao século II A. D. (tipo V) ⁽¹⁰⁾. Pelo menos dos últimos anos do século I ou posterior.

O exemplar n.º 1.134 do Museu Britânico tem uma decoração marginal idêntica, até na imperfeição. O retrocesso técnico e artístico deste período, no campo da cerâmica, em relação às formas anteriores, não foi contínuo, porque posteriormente foram fabricados modelos da mais alta qualidade, quer pela finura do acabamento quer pelo aspecto estético.

O declínio desta indústria começou a marcar-se no último terço do 1.º século A. D.; as figuras tornam-se raras e são modeladas grosseiramente, em especial a partir do reinado de Domiciano. O declínio continuou durante o governo de Trajano e foi seguido por um renascimento

⁽¹⁰⁾ A descrição do tipo V, na classificação destes autores, quadra perfeitamente ao nosso exemplar: «bec simple et petit, sans volutes, en demicercle et bien détaché de la cuvette dont il séparé par un incision horizontale. Anse fréquente, parfois assez volumineuse et ornée, comme le portour du couvercle, de cercles en creux, de perles, etc. Ornaments sur le couvercle moins fréquents qu'au 1.^{er} siècle.»

técnico-artístico na época de Adriano e que culminou durante o governo dos Antoninos. Prevenção àqueles que imaginam que as formas artísticas decaíram a partir do final do século I A. D. e que vão degenerando continuamente até à época cristã.

Na escultura, o Dr. Rhys Carpenter provou que as obras do segundo século A. D. são, em regra, superiores às do final do primeiro século A. D. ⁽¹¹⁾. As perturbações civis, as guerras intermináveis de Vespasiano e de Trajano, tiveram uma repercussão profunda na vida económica e, indirectamente, o estado de crise revelou-se na má qualidade dos produtos industriais da época. Aqui uma lucerna é o espelho da pobreza geral. Com o retorno da prosperidade, sob os Antoninos, as lucernas tornaram a ser tão bem fabricadas que Broneer pode dizer, quanto ao mérito artístico, que elas não foram ultrapassadas nem pelos melhores exemplares do período áureo de Augusto ⁽¹²⁾.

⁽¹¹⁾ Broneer, obr. cit. pag. 24 e seg.

⁽¹²⁾ Id. id. pag. 26.



I

Lucerna de Meróbriga (Século I A. D.)
A deusa Victoria num carro de corrida



II

Lucerna de Meróbriga (Século I A. D.)
Pantera erguida sobre uma taça



II

Base da lucerna da pantera



III

Lucerna da freguesia de Santo André
(Século II A. D.)
Busto de Júpiter



III

Base da lucerna de Júpiter